

LITERATURA INFANTO-JUVENIL: O GÊNERO “FÁBULA” E SUA RELAÇÃO COM A CRIANÇA

SOUZA, Leonardo Fernandes de.
CH/ Universidade Estadual da Paraíba

NASCIMENTO, Edna Ranielly.
LP/PIBID/ Universidade Estadual da Paraíba

INTRODUÇÃO

Existem inúmeros estudos sobre o gênero fábula. Muitos teóricos defendem o seu surgimento desde o período da idade oral do mito. Entretanto, são muitos os equívocos presentes nas abordagens que discutem a relação da criança com tal gênero. Diante desta informação, objetivamos mostrar a relação existente entre a fábula e a criança e suas limitações, a questionar assim, a ideia associação do gênero a fábula unicamente ao infante. A contrapor-se ao mau uso do gênero em sala, devido à valorização excessiva da moral. Para tais objetivos utilizar-se-á conhecimentos teóricos da disciplina curricular “Literatura Infanto-Juvenil” disponibilizada pelo curso de Letras, ao mesmo tempo em que far-se-á uso do método analítico e comparativo entre a fábula clássica “A raposa e as uvas” de Esopo, e a versão contemporânea da fábula, atribuída a Jô Soares. Tem-se como aporte teórico AZEVEDO (2001) que remete um estudo voltado as diferentes concepções de criança, dentro do contexto literário infantil. GÓES (1991) que faz uma abordagem sobre a literatura infantil, situando a fábula desde o seu conceito a relação com a criança. SOSA (1978) que também traz um estudo na mesma perspectiva, discutindo o gênero fábula desde a sua origem até a sua semântica e MARCUSCHI (2008) que faz uma abordagem dos gêneros, produção e compreensão textual na perspectiva interacional da língua.

Com o objetivo de tornar o texto mais compreensível para os possíveis leitores, o trabalho será fragmentado em partes específicas de forma a compreender-se satisfatoriamente o “todo”. A primeira parte abarcará estudos sobre a concepção de gênero e a sua função social. O segundo tópico, por sua vez, voltar-se-á mais especificamente para o gênero fábula, observando-se a sua origem e conceito. O terceiro constituir-se-á em um desdobramento do segundo, ou seja, o terceiro abarcará o público infantil dentro do contexto histórico e literário. De que forma a criança está inserida historicamente no contexto das fábulas? E por fim, relatar-se-á estudos comparativos entre a fábula “A raposa e as uvas” de Esopo e a versão de

Jô Soares, de forma a comprovar através dos textos, toda a discussão teórica a ser defendida. Além, das considerações finais, acerca do tema.

O GÊNERO E SUA FUNÇÃO SOCIAL

Desde muito tempo atrás, a definição de gênero tornou-se alvo de inúmeros estudiosos, a citar Aristóteles (1964), que conseguiu fazer distinções entre um texto e outro, de forma a revelar ao público que os textos apresentam diferentes características, e são estas as responsáveis por inseri-los em um determinado grupo. Através deste teórico, temos acesso às diferenças entre a tragédia, a comédia e a epopeia. É na verdade um marco que deu início aos estudos do texto como uma partícula que está moldada por características que o diferenciam entre si, e que o engloba em determinados conjuntos. Do qual, optou-se por chamar, atualmente, de gêneros. Em resumo, os gêneros definidos por Aristóteles não abarcam por completo todos os tipos de gêneros textuais contemporâneos, pois é sabido que existe um grande espaço temporal entre a época aristotélica e a atual. Neste espaço, surgiram inúmeros outros gêneros, com diferentes definições e funções sociais. Portanto, analisa-los, apesar de parecer simples, não é uma tarefa fácil. Quanto a este processo de análise, Marcushi (2008 p.149) contribui com seus estudos ao afirmar que, “[...] a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas”. Ou seja, a forma com a qual os gêneros são analisados está intimamente ligada com questões sociais, portanto ao analisar determinados gêneros, não se deve ignorar o contexto social em que está situado, pois condiz muito com as ideologias de uma nação em um determinado período de tempo.

Outro fator a ser mencionado, é a função assumida por determinado gênero, pois a função também varia de acordo com o tempo em que está inserido e com a sociedade a qual serve. São exatamente estes fatores, que iremos nos ater no tópico a seguir. Isto é, de que forma o gênero fábula estar a favor das ideologias das distintas sociedades? E qual é o seu papel social?

FÁBULA: ORIGEM E CONCEITO

Segundo Góes (1991) a fábula surgiu em períodos muito antigos e estar associada à necessidade que o homem tem em comunicar-se com os demais. O homem antigo, assim como o atual, ansiava pela comunicação, seja esta através de imagens, símbolos ou emblemas.

No tópico anterior, foi mencionada a estreita relação entre o gênero e a sociedade. Não é estranho, portanto, inserir a fábula neste contexto. Veja que o ato de comunicar-se, que nada mais é, do que o desejo de socializar-se, isto originou a fábula em tempos onde tais estudos ainda não eram existentes.

Góes (1991 p.144) contribui ainda com a definição da fábula, ao mencionar que,

A fábula é uma forma literária indireta na exposição de sua expressão, de caráter geralmente crítico, de análise precisa e tradução sintética dos fatos que são tanto objetivos quanto eloquentes para o entendimento. Transmite a crítica ou conhecimento em forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato ou a personagem.

Percebe-se que a citação informa claramente as características e funções do gênero fábula, ao mencionar que o texto não é escrito direcionado, explicitamente, a alguém, mas tende a fazer certas críticas, ou seja, ela tem uma função social, não é escrita por acaso ou de qualquer forma.

Quanto á própria etimologia da palavra, podemos constatar através das palavras de Góes (1991 p.144) que “Fábula provém de fabla, isto é, falar. É o mesmo que narrar ou fabular contos e lendas”. Sosa (1978) faz a mesma definição, no entanto, acrescenta que o referido conceito, não é suficiente para compreender o gênero, pois este ao longo dos tempos começou a ser confundido com os apólogos. Diante da informação a tecer-se, o autor acrescenta então, informações que contribuem para o aprofundamento dos estudos sobre o referido gênero, ao mencionar que,

[...] Devemos atribuir aos animais somente qualidades e ações que conservem analogia com seus instintos e propriedades naturais ou, quando muito, com aqueles que a experiência popular, ou a própria mitologia lhes tenha atribuído. Essas histórias devem ser escritas em estilos simples e fácil, os diálogos devem ser apropriados aos caracteres e à situação dos personagens, concebidos em prosa, ou em verso, sobretudo em verso, apesar dos que sustentam que devem ser escritas em prosa, porque ‘Seu mais belo adorno é não ter nenhum’.

As informações que extraímos da citação acima, nos faz perceber que o autor, preocupa-se com os estudos da fábula voltados para as reais características dos animais. Entretanto, o autor menciona também características já consagradas pelo meio popular e mitológico. Não obstante, os perigos que permeiam a abordagem dos animais nas fábulas dentro do viés popular e mitológico, não devem ser ignorados. Principalmente, quando se tem como público alvo, a criança. Esta ainda não tem uma maturidade suficiente para reconhecer os limites entre fantasia e realidade.

O PÚBLICO DA FÁBULA NO VIÉS HISTÓRICO E LITERÁRIO

Para compreender o gênero fábula dentro do viés histórico e literário, faz-se necessário mencionar estudos voltados para o surgimento da literatura infantil, pois, a partir destes, teremos acesso as diferentes concepções de infância ao longo dos séculos.

Numerosos estudiosos têm partido do pressuposto de que só se pode, realmente, falar em literatura infantil a partir do século XVII, época da reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. Segundo essa linha de pensamento, antes disso e em resumo, não haveria propriamente uma infância no sentido que conhecemos. Antes disso, as crianças, vistas como adultos em miniatura, participavam, desde a mais tenra idade, da vida adulta. Não havendo livros, nem histórias dirigidas especificamente a elas, não existiria nada que pudesse ser chamado de literatura infantil. (AZEVEDO, 2001 p. 1).

A literatura Infantil propriamente dita só surgiria com a ascensão da ideologia burguesa, a partir do século XVIII, pois é nesse período que surge uma literatura voltada para crianças. Sabe-se que a criança anteriormente era vista como um “adulto em miniatura”. Assim não se tratava de literatura infantil em razão da não concepção de infância até este período histórico. Elas participavam de todas as esferas sociais juntamente com os adultos, independentemente de determinados ambientes ou linguagens serem ou não adequadas a elas. Portanto, a questão a que nos propomos a defender, é que não cabe abordar o gênero fábula como gênero unicamente infantil, até porque, a existência do mesmo, como já mencionado anteriormente, está ligada a oralidade, o que podemos chamar de idade oral do mito, enquanto a concepção de infância ou literatura infantil dar-se-á bem mais tarde.

Vale ressaltar que, esta abordagem não nega a possibilidade do uso da fábula como objeto de pesquisa direcionada ao público infantil, mas, todavia, preza-se pelo cuidado ao optar-se por tal escolha. Afinal, a fábula carrega amplos significados que tendem a confundir a criança. Góes (1991 p.148) contribui com esta linha temática ao afirmar que,

[...] É aconselhável cuidadosa seleção das fábulas antes de a sujeitarmos às crianças. Devem reunir: um mínimo de condições que não permitam confusões interpretativas naquilo que pretendem ensinar; conceito claro e objetivo; sobriedade narrativa; linguagem depurada de toda terminologia vaga, abstrata, inacessível às crianças.

Uma das principais vertentes, que causam esta confusão é a moral, que traz consigo variadas interpretações. E nem sempre, a criança consegue optar pela moral que o texto propõe, necessitando assim, de uma orientação pedagógica.

A seguir desenvolver-se-á um estudo comparativo entre a fábula *A raposa e as uvas* de Esopo, e a versão de Jô Soares, que tem como título, *A raposa e as uvas: uma contrafabula* com o intuito de mostrar como esta moral vai sendo tecida.

ESTUDO COMPARATIVO: A RAPOSA E AS UVAS

Antes de mencionar os referidos estudos comparativos e analíticos entre as duas versões da fábula “A raposa e as uvas”, é preciso situar o leitor sobre tais narrativas, para isso segue abaixo uma tabela, na qual constam as referidas versões.

A RAPOSA E AS UVAS	
A raposa e as uvas Esopo	Desfabulando A raposa e as uvas Jô Soares
<p>Morta de fome, uma raposa foi até um vinhedo sabendo que ia encontrar muita uva. A safra tinha sido excelente. Ao ver a parreira carregada de cachos enormes, a raposa lambeu os beijos. Só que sua alegria durou pouco: por mais que tentasse, não conseguia alcançar as uvas. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:</p> <p>- Por mim, quem quiser essas uvas pode levar. Estão verdes, estão azedas, não me servem. Se alguém me desse essas uvas eu não comeria.</p> <p>Moral: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil.</p>	<p>Passava certo dia uma raposa perto de uma videira. Apesar de normalmente nunca se alimentar de uvas, pois se trata de um animal carnívoro e não vegetariano - o que nos faz desconfiar um pouco da fábula original -, sua atenção foi chamada pela beleza dos cachos que reluziam ao sol. Fenômeno estranhíssimo, uma vez que, geralmente, para desespero dos ecologistas, dos adeptos de alimentos naturais, toda fruta cultivada é revestida por uma fina camada protetora de inseticida e dificilmente pode refletir a luz solar com tal intensidade. Sendo curiosa e matreira como toda raposa matreira e curiosa, aproximou-se para melhor observar a videira. Os cachos estavam colocados muito acima de sua cabeça, e o animal (sem insulto) não teve oportunidade de prová-los, mas, sendo grande conhecedor de frutas, bastou-lhe um olhar para perceber que as uvas não estavam maduras. "Estão verdes" - disse a raposa, deixando estupefatos dois coelhos que estavam ali perto e que nunca tinham visto uma raposa falar. Aliás, depois dos últimos acontecimentos envolvendo gravadores ocultos, as raposas andavam cada vez mais caladas. Na verdade, seu comentário foi ainda mais espantoso, uma vez que as uvas não eram do tipo moscatel, mas sim pequeninas e pretas, podendo facilmente ser confundidas, à primeira vista, com jabuticabas. Note-se por esse pequeno detalhe aparentemente sem importância o profundo conhecimento que a raposa tinha de uvas ao afirmar, com convicção, que, apesar de pretas, elas eram verdes. Dito isso, afastou-se daquele local e foi tentar mais uma vez comer o queijo do corvo, outra compulsão neurótica, pois sabemos perfeitamente que a raposa odeia queijo. Horas depois,</p>

	<p>passa em frente à mesma videira outra canis vulpes (nome sofisticado do mesmo bicho), mais alta do que a primeira. Sua cabeça alcança os cachos e ela os devora avidamente. No dia seguinte ao frutífero festim, o pobre bicho acorda com lancinantes dores estomacais. Seu veterinário, imediatamente convocado, diagnostica uma intoxicação provocada por farta ingestão de uvas verdes.</p> <p>Moral: "Nem todas as raposas são despeitadas".</p>
--	---

Ao analisar as duas versões sob o aspecto formal e estrutural, percebemos que as diferenças entre si são mínimas. Ambas apresentam tempo cronológico, além do espaço onde ocorre todo o enredo, que também é o mesmo “a floresta”. Todavia, existem alguns acréscimos na versão de Jô Soares, quanto aos personagens, já que, além da raposa, ele acrescenta ainda em seu texto, um coelho, um corvo e uma segunda raposa. Mas, neste aspecto pode-se dizer que elas são conformes. Apesar disso, se observarmos o aspecto semântico, visualizaremos diferenças consideráveis. A referir, por exemplo, o aspecto moral, que já trabalhamos anteriormente.

Na versão de Jô soares, existe a quebra da falsa ideologia sobre a raposa, ao afirmar suas características reais, sem deixar de dar continuidade à narrativa. Percebe-se esta busca pela apresentação real do animal em vários trechos do texto, a constatar em “Apesar de normalmente nunca se alimentar de uvas”; “[...] nunca tinham visto uma raposa falar.” (SOARES, s.d).

Isto é importante, pois não permite o duplo sentido, quanto à moral do texto. Ao contrário, da versão original de Esopo. Principalmente quando se está direcionada ao público infantil, pois “as crianças têm um sentido especial para se relacionar com os animais. Freud diz que a criança mistura alguns animais com sua vida moral e atribui a eles certos sentimentos que viveu com seus pais.” (GÓES, 1991 p.148). Isto significa que, a criança tende a misturar a fantasia da fábula com a sua realidade, portanto enquanto professores faz-se necessário orientar a criança de modo que ela consiga impor limites entre o real e o imaginário. Afinal, como já foi ressaltado neste trabalho, a fábula é um gênero também adulto, mesmo sendo atribuída constantemente como gênero unicamente infantil.

A comparação entre a fábula de Esopo e Jô Soares serve apenas como pretexto para mostrar que existem inúmeras interpretações das fábulas, e quando estas não estão bem claras, como na de Esopo, a criança tende a se confundir, a citar, por exemplo, ela pode retirar deste

contexto a ideia de que todas as raposas são vegetarianas, burras e despeitadas. O infante ao invés de compreender a moral proposta pelo autor, que é não desprezar aquilo que se acomodou a não obter. A criança pode entender o contrário, isto é, pode depreender do texto que devemos nos acomodar, já que o alvo pode não ser conquistado. Quando lemos, a fábula de Jô Soares, percebemos como o próprio título indica, a contrafábula que o autor faz, desconstruindo o duplo sentido da moral presente na primeira. Quando ele afirma que “nem todas as raposas são despeitadas” (SOARES, s.d), estar a criticar a forma como o animal é mostrado na fábula original.

Em síntese, nos propomos aqui a defender o ensino de fábula para a criança de forma a valorizar a sua idade. Caso isso não ocorra, estaremos provavelmente contribuindo para distúrbios na sua identidade. Afinal, “[...] as crianças, quando aprendem as fábulas e se encontram em situação de aplica-las, quase sempre o fazem contrariamente ao propósito do fabulista; [...]” (SOSA, 1978 p.151). Por conseguinte, se ,enquanto educador, pretende-se impedir tais equívocos, é preciso adquirir um olhar crítico, de forma a respeitar o aluno infantil, como alguém , cujo aprendizado não ocorre igualmente ao de um adulto. Finalmente, a sala de aula, será um espaço onde o professor conseguirá colocar-se no lugar do outro, ou seja, da criança. Buscando meios de abordar a fábula, de forma mais clara possível. Sugerimos, como uma das possíveis formas, de alcanças tal objetivo o uso da fábula mais contemporâneo, como as produzidas pela Walt Disney, pois “[...] ele sempre amou e esteve interessado pelos animais. Podem alguns rigorosos acha-los caricaturais, mas com ele retornaram à sua vida de bichos.” (GÓES,1991 P.150). Ou seja, os bichos são valorizados de acordo com suas necessidades reais, isto não significa, que o imaginário seja deixado de lado. Walt Disney mostra que é possível utilizar a fantasia, respeitando aspectos reais dos animais.

A fábula de Jô Soares não é indicada, devido à linguagem difícil e termos complicado para o conhecimento imaturo da criança, desde que este seja um público mais elevado como o juvenil, pode ser utilizado e até comparado com a fábula de Esopo. Pois os jovens já tem capacidade de analisar criticamente as duas fábulas. No entanto, não cabe inseri-la no contexto infantil, ou até pode ser mencionada, desde que sejam realizadas algumas adaptações no texto, para que o mesmo esteja de acordo com a idade da criança.

Sugerimos também o uso de versões nacionais das fábulas, como a de Monteiro Lobato que são mais leves e propícias para a criança. As versões, escritas por Monteiro Lobato, da fábula “A cigarra e a formiga” é uma ótima sugestão, pois mostra diferentes

concepções moralísticas. De forma a incentivar a criança a respeitar as diferenças entre os animais. Assim como a formiga tem o seu valor por está associada constantemente ao trabalho, a cigarra alegre o dia com o seu canto. Assim a supervalorização por uma única moral será destruída, de forma a obter-se outros fundos moralísticos mais objetivos e claros ao infante. Pois, por ser da época moderna, tem uma maior aproximação com a concepção da criança atual. Ao contrário das fábulas de Esopo, La Fontaine, entre outros. Que eram destinadas para, um público infantil diferente do atual, geralmente a criança a qual era direcionada era um filho de rei, que precisava obter instruções muito sérias, distante da sua realidade infantil. (Góes, 1991).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista tudo o que foi apresentado, concluímos que a fábula, deve ser abordada de forma a respeitar o tipo de público a qual está direcionada, isto significa dizer, que a criança jamais deve ser vista como um pequeno adulto, afinal está é uma visão já ultrapassada. Ela merece ter uma relação com o gênero propícia a sua idade. Por isso, faz-se muito importante à participação ativa do professor, especialmente, quando a escolha do gênero a se trabalhar é a fábula. Pois, este é palco de uma dualidade moralista perigosa para o conhecimento imaturo da criança. Na qual realidade e fantasia confundem-se de tal forma, que o mau uso do gênero pode provocar graves danos à criança provinda da má interpretação por ela realizada.

Em síntese, os objetivos propostos no início do trabalho foram alcançados, já que, por meio da comparação entre as duas versões da fábula “A raposa e as uvas” pudemos constatar uma moral abstrata e outra mais clara. Onde na versão original de Esopo não se leva em conta as características reais da raposa, enquanto na fábula de Jô Soares essa construção é possível. Vale mencionar, ainda, que os estudos teóricos disponibilizados pela disciplina de Literatura Infante-Juvenil da grade curricular de Letras mostrou-se um importante item para a compreensão e desenvolvimento do tema.

Esperamos, arduamente, que este trabalho possa contribuir para a construção de novas perspectivas para o ensino literário infantil, de modo que, a criança e o gênero fábula possam, verdadeiramente, ter uma relação saudável e construtiva.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ricardo. **Literatura infantil:** origens, visões da infância e certos traços populares. IN: Presença Pedagógica - Belo Horizonte - Editora Dimensão - Nº 27 - mai/ jun 1999 e em Cadernos do Aplicação. Volume 14 Número ½. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Jan/Fev 2001.

A raposa e as uvas. Disponível em <http://www.vestibular.uem.br/1998-1/uem_verao_1998_prova3.pdf> Acesso em 11 de Fevereiro de 2014.

Fábulas de Esopo. Disponível em <http://pensador.uol.com.br/fabulas_de_esopo/> Acesso em 11 de Fevereiro de 2014.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução a literatura infantil juvenil.** São Paulo: Thompson Pioneira, 1991. P. 144-153.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual:** análises de gênero e compreensão. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

SOSA, Jesualdo. **A literatura infantil.** São Paulo: Cultrix, 1978. p.143-153.